

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 47 - Julho de 2018



Presidente: Antônio Messias Rios Bastos

Jogo duro na Caixa

A Caixa não alivia e as negociações da campanha salarial têm avanços tímidos. O banco diz que vai garantir pontos da pauta específica, mas não quer colocar no acordo. Nada de se comprometer. Enquanto isso, os empregados ampliam a mobilização em defesa dos direitos. Uma das prioridades é o Saúde Caixa. | Página 4



A luta é pelo direito à saúde

A situação é grave. Os empregados da Caixa vão pagar muito mais pelo plano de saúde, além de terem dependentes excluídos da cobertura dos convênios e aposentados e novos funcionários colocados para "escanteio". Essas são algumas das medidas contidas na resolução da CGPAR (Comissão de Governança e de Administração de Participações Societárias da União).

As ameaças prejudicam mi-

lhões de usuários. Diante do quadro, os empregados do banco têm realizado manifestações para reafirmar posicionamento contrário às mudanças. No dia 25 de julho, mais uma vez, vestiram branco e fizeram atividades nas agências. Também movimentaram as redes sociais com fotos em defesa do convênio médico.

A iniciativa é parte da campanha *Saúde Caixa: eu defendo*. Mas, desta vez contou com



a adesão de trabalhadores de outras instituições públicas, que também sofrerão com as mudanças no plano de saúde. Pela resolução da CGPAR, as estatais têm até 48 meses contados a partir de janeiro para que todos migrem para um sistema paritário de contribuição, ou seja, 50% para as empresas e 50% para os funcionários.

No caso do Saúde Caixa, o sistema atualmente é mútuo, sem carência, com despesas administrativas 100% custeadas pela Caixa e despesas assistenciais de 70% do banco e 30% dos usuários. Entre as pe-

culiaridades, o convênio oferece benefícios que nenhum outro plano do mercado pode oferecer. E é exatamente isso que está em jogo.

Mesa sem acordo

Durante as negociações da campanha salarial, FUNCEF e Saúde Caixa, assuntos prioritários, ficaram sem resposta. No caso da FUNCEF, a CEE reivindicou alteração no modelo de equacionamento e, embora reconheça que a situação é grave, a direção da empresa informou que realiza um estudo com o objetivo de aliviar a situação. Mas não deu detalhes, nem falou em data de apresentação das propostas. Ou seja, continua escondendo dos participantes o que está por vir.

O Saúde Caixa também segue sem acordo. A direção da empresa foi categórica e disse que vai cumprir as resoluções da CGPAR sobre o modelo de custeio, o que, na prática, significa, encarecer, excluir e tornar o plano inviável aos usuários.

FUNCEF: mudança na moita

A direção da FUNCEF insiste em alterar o estatuto da Fundação. Pior. Esconde as informações sobre o que pode mudar. A forma como o processo é conduzido, sem transparência, levanta suspeita. Não se sabe ainda o porquê das mudanças.

O que se sabe é que as propostas apresentadas até aqui não resolvem os problemas da Fundação, reduzem a participação dos trabalhadores na gestão, mexem no processo eleitoral de forma perigosa, excluem mais os aposentados e criam ingerências capazes de gerar

instabilidade organizacional.

Tem mais. A conjuntura do país não é boa. Portanto, promover mudanças é arriscado. Sobretudo porque qualquer modificação no fundo de pensão ligado a uma estatal depende de apreciação do Executivo e as medidas do governo Temer não são nada boas para os empregados das estatais. Basta lembrar das mudanças nos planos de saúde para deduzir que não vem coisa boa por aí.

Importante lembrar que as alterações no estatuto da FUNCEF desde o início são conduzidas



de forma suspeita. A proposta foi aprovada pelo Conselho Deliberativo em janeiro, mas somente em maio, depois do processo eleitoral, é que a Fundação anunciou a medida. Detalhe: desde março foi instituído um grupo de trabalho responsável para revisão.

CAMPANHA SALARIAL

Negociação dura com a Caixa

As negociações com a Caixa estão duras, mais do que vinha acontecendo nos anos anteriores, e somente com a união e mobilização dos empregados é que poderão avançar. A direção da empresa mantém uma postura difícil nas rodadas realizadas até aqui, sem proposta para as demandas específicas.

Tudo indica que vai seguir a Fenaban e só depois de 1º de agosto deve apresentar uma proposta. Por enquanto, apenas sinalizações. Uma delas sobre a manutenção dos direitos contidos no atual acordo coletivo e em relação à PLR. Mas, tem um porém. O banco não garante nada no ACT.

Sobre a reforma trabalhista, a empresa diz que não tem intenção de aplicá-la por completo, mas também não aceita discutir nem colocar no acordo pontos que limitem a aplicação da lei. Contratação é outro assunto que não entra em pauta.

A PLR deve seguir os moldes da Fenaban, só que não se sabe o que a Federação Nacional dos Bancos vai apresentar. Já a PLR Social precisa de autorização do Conselho Administrativo e dos órgãos externos.

A Comissão Executiva dos Empregados mostra preocupação com o discurso da empresa em relação ao teto previsto na Lei das Estatais, novo marco regulatório que corta investimentos das estatais para conter os gas-

tos públicos, que mais parece uma desculpa para não atender as demandas. A questão está sob a tutela da Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais do Ministério do Planejamento (Sest).



Debates com a Fenaban



As negociações entre o Comando Nacional dos Bancários e a Fenaban também não estão fáceis. Nas rodadas realizadas até aqui, os representantes das empresas apenas ficaram de avaliar as demandas.

Saúde, condições de trabalho e segurança estiveram em debate e a única promessa é de apresentar uma proposta global no dia 1º de agosto.

Nem mesmo questões importantes, que merecem atenção

especial, foram para frente. É o caso da saúde, fundamental para todo cidadão. O Comando Nacional dos Bancários apresentou pesquisa feita pelo Ministério Público do Trabalho, em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), com dados preocupantes. O estudo revela que os afastamentos por doenças psicossomáticas aumentaram.

Segundo o relatório, os bancos são responsáveis por 15%

do total de afastamentos por doenças de cunho psicológico. Entre 2012 e 2017, 3.641 bancários foram afastados das atividades por depressão. Já as doenças osteomusculares têm caído, de 55,2% em 2012 para 40,3% em 2017. Enquanto que o grupo de doenças mentais e comportamentais cresceu, de 34,1% para 42,3% no mesmo período. A pesquisa mostra ainda que o estresse está diretamente ligado à profissão e que o trabalho é fonte de apreensão e medo. Mas a Fenaban minimizou e argumentou se tratar de um problema mundial, não necessariamente relacionada ao ambiente de trabalho.

Segurança

A discussão sobre segurança, um assunto que diz respeito a toda sociedade, também tem ficado em segundo plano. É

grande o temor entre bancários e clientes e não é em vão. Os ataques são frequentes e cada vez piores.

Na Bahia, foram registradas 38 ocorrências em 2018, a maioria explosões (29). Nestes casos, além de destruir as agências, que ficam fechadas por meses, às vezes, anos, toda a cidade é afetada, inclusive a economia local. Um prejuízo.

Tem ainda os riscos de sequestros, que atingem sobretudo os gerentes. Uma situação grave, que exige soluções rápidas, no entanto, de novo, a Fenaban não deu respostas.





Todos nós, ou melhor, a maioria, aguarda com expectativa as tão desejadas férias. O momento de reajustar o foco. Se desconectar e fazer o que os horários do trabalho ou o cansaço não deixam: viajar, pegar a estrada ou avião para curtir, aproveitar para visitar a família e amigos que moram distante. É a chance de relaxar.

Mas, para que tudo ocorra bem e você consiga efetivamente descansar a mente

e aliviar o estresse, é preciso planejar. Se as contas tiverem apertadas e não der para fazer aquela viagem dos sonhos,



não desanime. Arrume as malas e vá para um lugar mais perto, uma praia, uma cidade do interior. Curta o próprio estado. Lugares lindos o Brasil tem de sobra. Às vezes, estão pertinhos da gente.

O importante é se desconectar por um tempo. Recarregar as baterias. Se não for possível se desligar por completo, crie uma nova rotina, mais tranquila. Vale desligar o celular no fim de semana. Evitar acessar as



redes sociais e realmente curtir as pessoas que estão por perto. Retomar contatos que ao longo do ano, com a rotina puxada, ficam difíceis de encontrar.

Lembre-se que o corpo e a mente precisam de relaxamento. Tentar resolver problemas durante as férias não ajuda. Levar na bagagem contas a pagar, número de telefones de clientes, computador é um grande erro. Deixe tudo para a volta. Lembre-se que tudo se resolve. Portanto, se vai tirar férias, vá. Viaje. Saia da rotina da sua cidade. Relaxe. Você vai ver como vai se sentir melhor até para trabalhar na volta.

A Bahia nos Jogos Fenaef 2018

A galera da Bahia mais uma vez marcou presença nos Jogos Fenaef 2018. O evento reúne empregados da Caixa de todo o país. Muito mais do que uma competição, os jogos são uma boa oportunidade de confraternizar e aliviar o estresse da rotina de trabalho. Vale a pena. Confira as imagens dos atletas da Bahia.



Se ligue no ENEAGECEF

Entre os dias 3 e 5 de agosto, em Caruaru, Pernambuco, acontece o XXX ENEAGECEF (Encontro das Associações de Gestores da Caixa no Nordeste). O objetivo é debater propostas advindas dos associados, como defesa da Caixa, condições de trabalho, relacionamento com a empresa, relacionamento institucional.

Além de ser um espaço para discussão e novos aprendizados, este também é um momento de definições. Os bancários estão em campanha salarial – a primeira depois da reforma trabalhista – e é preciso definir o papel dos gestores no processo.